

Relações entre Conjugalidade e Parentalidades Adotiva e Biológica

Mariana Silva Cecílio
Fabio Scorsolini-Comin

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Uberaba, MG, Brasil

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo discutir a produção científica nacional e internacional sobre as relações entre conjugalidade dos pais e as experiências das parentalidades adotivas e biológicas em arranjos familiares heterossexuais. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura nas bases LILACS, PePSIC e SciELO (2000-2011). Foram recuperados 22 artigos. Um dos focos de produção refere-se à adaptação e reorganização da dinâmica familiar para a chegada dos novos membros. Os estudos ressaltam a repercussão potencial da chegada de um filho na dinâmica conjugal e familiar, bem como enfatizam a maior participação do pai na criação dos filhos. São trazidas diferenças e semelhanças entre as parentalidades biológica e adotiva, com destaque para as histórias individuais dos pais como definidoras do processo de construção da conjugalidade e da parentalidade. Conclui-se que as relações entre essas noções podem ajudar a compreender não apenas as famílias pós-modernas, como suas mudanças ao longo do tempo.

Palavras-chave: Relações conjugais; atitude dos pais; estrutura familiar; adoção.

ABSTRACT

Relations Between Marital Relationships and Adoptive and Biological Parenthoods

This study aimed to discuss the national and international scientific production about the relations between marital relationships of parents and the experiences of the adoptive and biological parenthoods in heterosexual family arrangements. An integrative revision was conducted on the basis LILACS, PePSIC and SciELO (2000-2011). 22 articles had been recovered. One focus of the production was the adaptation and reorganization of the familiar dynamic to the coming of the new members. The studies highlight the potential repercussion of the coming of a new son on the marital and familiar dynamic, and emphasizes the bigger participation of the father in children's development. The differences and similarities between biological and adoptive parenthoods are brought, especially the individual histories of the parents as definers of the construction process of the marital relationship and the parenthood. It is concluded that the relations between these notions can help to understand not only the postmodern families, as their changes over time.

Keywords: Marital relations; parental attitudes; family structure; adoption.

RESUMEN

Las Relaciones entre Matrimonio y las Parentalidades Adoptivas y Biológicas

Este estudio tuvo como objetivo discutir la producción científica nacional e internacional sobre las relaciones entre el matrimonio de los padres y las experiencias de las parentalidades adoptiva y biológica en uniones familiares heterossexuales. Se realizó una revisión integradora de la literatura en las bases de datos LILACS, PePSIC y SciELO (2000-2011). Fueron recuperados 22 artículos. Uno de los focos de producción se refiere a la adaptación y reorganización de la dinámica familiar para la llegada de los nuevos miembros. Los estudios resaltan la repercusión potencial de la llegada de un hijo en la dinámica conyugal y familiar, así como enfatiza la mayor participación del padre en la creación de los hijos. Son levantadas diferencias y semejanzas entre la parentalidad biológicas y la adoptiva, con destaque para las historias individuales de los padres como definidores del proceso de construcción del matrimonio y la creación de los hijos. Llegamos a la conclusión que las relaciones entre estas nociones pueden ayudar a comprender no solo a las familias contemporáneas, como sus cambios con lo tiempo.

Palabras clave: Relaciones conyugales; actitudes de los padres; estructura familiar; adopción.

Os laços afetivos familiares são frequentemente destacados como alicerce para o desenvolvimento saudável de seus integrantes, sejam eles consanguíneos ou não. No entanto, a forma de experienciar a afetividade na família ocidental sofreu transformações ao longo dos tempos, passando pela família tradicional, fortemente marcada pela autoridade patriarcal, pela família moderna (séculos XVIII e XX), na qual os filhos passam a ser responsabilidade dos pais e do Estado, chegando à chamada família pós-moderna, a partir dos anos 60 do século XX, centrada nas relações íntimas e de busca pela satisfação sexual (Roudinesco, 2003). Como noções intimamente relacionadas à família pós-moderna, encontramos a conjugalidade e a parentalidade, consideradas dimensões constitutivas do psiquismo familiar. O estudo dessas dimensões tem sido apontado como essencial para a compreensão do funcionamento familiar e dos processos de subjetivação (Magalhães e Féres-Carneiro, 2011).

Em uma perspectiva psicanalítica, a conjugalidade ou identidade conjugal é uma dimensão psíquica inconsciente originada da união de duas individualidades, ou seja, dos membros do casal que, possuindo passados, ideias familiares e modelos identificatórios diferentes, acabam criando uma identidade partilhada (Magalhães e Féres-Carneiro, 2011). Segundo a mesma abordagem, a parentalidade não se refere apenas ao exercício efetivo do ser pai ou do ser mãe após o nascimento dos filhos, mas a um processo que começa bem antes da gestação, baseado nas identificações feitas na infância e que podem influenciar os modos de exercer a parentalidade. Essas identificações e representações estariam no cerne dos diferentes tipos de interação que ocorrem entre o bebê e seus cuidadores, podendo facilitar a instauração de vínculos afetivos seguros ou dificultar seu processo (Zornig, 2012). Em termos das diferentes modalidades de parentalidade, embora a adoção não seja uma prática considerada pós-moderna, é cada vez mais frequente a discussão em torno do tema em diferentes arranjos familiares e não mais apenas como uma possível solução para a infertilidade (Böttger, 2007; Dessen e Polonia, 2007; Maux e Dutra, 2010; Otuka, Scorsolini-Comin e Santos, 2012; Weber, 2010).

Pesquisas sobre as repercussões da presença dos filhos na dinâmica conjugal têm emergido no cenário internacional, assim como a reflexão sobre o impacto da qualidade da relação estabelecida entre os cônjuges no desenvolvimento psíquico dos filhos (Belsky, Spanier e Rovine, 1983; Boas, Dessen e Melchiori, 2010; Borsa e Nunes, 2011; Lawrence et al., 2008; Magalhães e Féres-Carneiro, 2011; Weber, Stasiak e Brandenburg, 2003).

Considerando que a transição para a parentalidade pode suscitar proximidade ou afastamento entre o casal diante dos sentimentos ambivalentes próprios da situação nova, a hipótese de declínio na satisfação conjugal estaria unicamente atrelada à chegada de um filho na dinâmica familiar? Prati e Koller (2011) tecem considerações sobre as negociações do relacionamento conjugal, bem como os aspectos subjetivos incitados por essa nova vivência, fomentando a necessidade de construção de um espaço para o casal antes da chegada da criança.

A transição para a parentalidade adotiva pode suscitar aspectos relacionados à motivação, elaboração, amadurecimento, medo de revelação à criança, estigma social, além da gestação emocional, permeada por sentimentos ambivalentes (Otuka, Scorsolini-Comin e Santos, 2013; Reppold e Hutz, 2003; Weber, 2010). Delineando melhor essa discussão, lembrar o quanto a adaptação às novas demandas, identidades individuais e responsabilidades são ditadas pelos novos papéis favorece o entendimento da nova identidade enquanto casal (Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro, 2002), assim como das diferentes percepções entre homens e mulheres. Esse fato se reafirma diante da atual busca dos homens em vivenciar seu papel paterno de cuidado aos filhos, além do papel tradicional de provedor, lugar até então reservado mais à mãe (Amazonas e Braga, 2006; Borsa e Nunes, 2011; Zornig, 2012).

Concernente às questões levantadas, haveria uma diferença significativa entre famílias adotivas e biológicas? Ferreira (2008) constata que não existem diferenças significativas, mas uma ligeira saliência quanto ao nível de satisfação conjugal nas famílias adotivas, uma vez que o percurso singular com a presença de dificuldades contribuiria para o maior apoio entre o casal. Além disso, é ressaltada a íntima relação entre a satisfação conjugal e os estilos parentais mais ajustados.

A partir do exposto, o objetivo deste estudo foi discutir a produção científica sobre as relações entre a conjugalidade dos pais e as experiências das parentalidades adotivas e biológicas em arranjos heterossexuais.

MÉTODOS

Tipo de estudo: Trata-se de uma revisão integrativa de literatura científica. Esses estudos de revisão são relevantes por contribuírem para delimitar a produção existente em um determinado contexto (nacional e/ou internacional), permitindo que se apontem lacunas, limites e também possibilidades de investigações que contemplem a temática de interesse de modo mais completo e aprofundado. Desse modo, não basta que

apontemos a produção existente e suas características, mas também que lancemos ao acervo constituído uma visão crítica acerca do processo de construção do conhecimento na área (Creswell, 2010; Mendes, Silveira e Galvão, 2008). A pergunta norteadora foi: qual o estado da arte da produção científica sobre conjugalidade e parentalidades adotivas e biológicas em arranjos heterossexuais?

Bases indexadoras: Como o objetivo da revisão foi recuperar estudos desenvolvidos no contexto nacional e internacional, foram consultados os seguintes indexadores eletrônicos: LILACS, PePSIC e SciELO, priorizando-se as base de dados latino-americanas.

Critérios de inclusão e exclusão: Nesta revisão, foram selecionados: (a) artigos indexados, visto que estes passam por um processo de avaliação rigorosa de pares, conforme sugerido em outros estudos (Creswell, 2010; Mendes, Silveira e Galvão, 2008); (b) redigidos nos idiomas português, inglês, espanhol e francês; (c) publicados no período de 2000 a 2011, a fim de traçar um retrato mais fiel da produção contemporânea, bem como apontar possíveis lacunas e aberturas para novos estudos; (d) com temática pertinente ao objetivo da revisão. Foram descartados: (a) artigos não indexados, livros, capítulos de livros, teses, dissertações, monografias, resenhas, cartas, obituários, resumos, atas de congressos e notícias; (b) que não se relacionavam ou não se aproximavam do tema conjugalidade e parentalidade. Não foram feitas restrições em relação ao tipo de delineamento metodológico, nem em relação às abordagens teóricas ou à área de investigação.

Procedimento: O levantamento bibliográfico ocorreu entre setembro de 2011 e janeiro de 2012. Foram utilizados os seguintes descritores e cruzamentos: conjugalidade, dinâmica conjugal, relação conjugal, parentalidade e adoção, bem como seus respectivos em inglês: “*conjuality*”, “*marital dynamics*”, “*marital relationships*”, “*parenthoods*” e “*adoption*”. Os cruzamentos foram realizados pela combinação dos termos utilizados, a partir do operador booleano “and”. Não foram utilizados descritores em outros idiomas além do português e do inglês.

Em um primeiro momento, foi realizada uma leitura minuciosa dos resumos encontrados a partir desses unitermos, excluindo-se os trabalhos que não se enquadravam nos critérios de inclusão elencados. Após uma primeira seleção pelos resumos, os trabalhos foram lidos e examinados na íntegra. Em função da maior ou da menor proximidade com o tema, uma nova seleção foi realizada, restringindo-se a revisão apenas àqueles diretamente relacionados à relação entre conjugalidade e parentalidade, que constituíram o *corpus* de análise do presente estudo.

Foram encontrados 7072 resumos, que correspondiam ao somatório de todas as buscas realizadas nas três bases indexadoras utilizadas para este estudo. A partir de então, primeiramente, foram selecionados 39 resumos de artigos, de acordo com a temática e os descritores elencados. Posteriormente, segundo os critérios de inclusão/exclusão adotados, 17 foram descartados por tratarem da temática apenas tangencialmente. Isso justifica boa parte da redução no número de artigos selecionados. Os artigos descartados não se enquadravam na seleção por abordarem exclusivamente as temáticas da parentalidade homossexual ou monoparental, terapia de casal, dissolução da conjugalidade, situações de adoecimento físico ou psicológico e violência na relação conjugal. A exclusão dessas temáticas visou a cotejar apenas produções com foco na relação entre conjugalidade e parentalidade nos contextos biológicos e/ou adotivos, em arranjos exclusivamente heterossexuais, permitindo maior sistematização da produção. Há que se destacar que a inclusão, por exemplo, da conjugalidade homossexual, por si só representaria outro estudo, haja vista a vasta produção na área e suas especificidades, que devem ser respeitadas.

A partir do exposto, foram selecionados, recuperados e analisados na íntegra 22 artigos. Após uma análise criteriosa, os conteúdos dos artigos foram categorizados em eixos temáticos, de forma a organizar a discussão dos dados.

RESULTADOS

A Tabela 1 permite visualizar a quantidade de estudos encontrados, selecionados e recuperados na íntegra. A partir da aplicação dos critérios de inclusão/exclusão e da retirada dos artigos repetidos, foram recuperados 22 artigos. Os estudos recuperados ($n=22$) estão caracterizados na Tabela 2.

TABELA 1
Etapas do procedimento de seleção de trabalhos na íntegra e quantidade de trabalhos registrados em cada fase de seleção

<i>Unitermos</i>	<i>Encontrados</i>	<i>Selecionados</i>	<i>Recuperados</i>
Conjugalidade/ <i>Conjuality</i>	260	6	3
Dinâmica Conjugal/ <i>Marital dynamics</i>	52	2	2
Parentalidade/ <i>Parenthood</i>	1313	16	7
Relação Conjugal/ <i>Marital relationship</i>	693	6	6
Adoção/ <i>Adoption</i>	4754	9	4
Total	7072	39	22

TABELA 2
Identificação dos trabalhos recuperados segundo o título, autores, ano,
periódico em que foram publicados e tipo de estudo (n=22)

	<i>Título</i>	<i>Autores</i>	<i>Ano</i>	<i>Periódico</i>	<i>Tipo do estudo</i>
1	L'interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: une analyse personne-processus-contexte	Bigras, Paquette	2000	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Quantitativo
2	Da conjugalidade à parentalidade: gravidez, ajustamento e satisfação conjugal	Magagnin et al.	2003	Aletheia	Quantitativo
3	Dos laços de sangue aos laços de ternura: o processo de construção da parentalidade nos pais adotivos	Santos, Raspantini, Silva, Escrivão	2003	PSIC	Estudo de caso
4	Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média	Braz, Dessen, Silva	2005	Psicologia: Reflexão e Crítica	Quantitativo e Qualitativo
5	Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à maturidade do casal parental	Cicco, Paiva, Gomes	2005	Psicologia Clínica	Relato de experiência clínica
6	Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente	Benetti	2006	Psicologia: Reflexão e Crítica	Teórico
7	Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho	Lopes, Menezes, Santos, Piccinini	2006	Psicologia em Estudo	Qualitativo e Quantitativo
8	Famílias adotivas: identidade e diferença	Schettini, Amazonas, Dias	2006	Psicologia em Estudo	Teórico
9	A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna	Bornholdt, Wagner, Staudt	2007	Psicologia Clínica	Estudo de caso instrumental
10	Relaciones fraternas en la adopción	Cúneo, Pella, Castiñeira, Márquez, Felbarg, Muchenik	2007	Archivos Argentinos de Pediatría	Teórico
11	Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê	Menezes, Lopes	2007	Psico-USF	Estudo de caso coletivo longitudinal
12	O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar	Pereira, Piccinini	2007	Estudos de Psicologia	Teórico
13	O nascimento do segundo filho e as relações familiares	Piccinini, Pereira, Marin, Lopes, Tudge	2007	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Estudo de casos coletivos
14	Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos	Souza, Wagner, Branco, Reichert	2007	Aletheia	Estudo de casos múltiplos
15	Gravidez do primeiro filho: papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional	Hernandez, Hutz	2008	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Quantitativo
16	The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an eight-year prospective study	Doss, Rhoades, Stanley, Markman	2009	Journal of Personality and Social Psychology	Qualitativo e Quantitativa
17	Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior	McCoy, Cummings, Davies	2009	Journal of Child Psychology and Psychiatry	Qualitativo e Quantitativa
18	Mães adotivas e genéticas: habilidades, insegurança e apoio percebido	Howat-Rodrigues, Tokumaru, Amorim	2009	Psico	Quantitativo
19	Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera	Huber, Siqueira	2010	Psicologia: Teoria e Prática	Qualitativo
20	Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade	Zornig	2010	Tempo Psicanalítico	Teórico
21	Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares	Jager, Bottoli	2011	Psicologia: Teoria e Prática	Qualitativo
22	O patinho feio no imaginário parental	Lipp, Mello, Ribeiro	2011	Ágora	Caso clínico

No que se refere ao ano de publicação, o ano de 2007 concentrou o maior número de publicações ($n=6$). Os demais artigos foram publicados em 2000, 2003 ($n=2$), 2005 ($n=2$), 2006 ($n=3$), 2008, 2009 ($n=3$), 2010 ($n=2$) e 2011 ($n=2$). Três artigos foram publicados em um mesmo periódico: *Psicologia: Teoria e Pesquisas*; dois em *Psicologia: Reflexão e Crítica*, dois em *Psicologia: Teoria e Prática*, dois em *Psicologia em Estudo (Maringá)*, dois em *Psicologia Clínica* e dois em *Aletheia*; e os demais foram publicados nas revistas: *PSIC*, *Psico (Porto Alegre)*, *Estudos de Psicologia (Natal)*, *Psico-USF*, *Tempo Psicanalítico*, *Ágora*, *Archivos Argentinos de Pediatría*, *Journal of Personality and Social Psychology* e *Journal of Child Psychology and Psychiatry*.

DISCUSSÃO

Transição de papéis: do casal ao parental

Demarcando a passagem de desenvolvimento no ciclo familiar, o casal, até então centrado em suas expectativas e aspirações mútuas, precisa se reorganizar para a chegada de um novo membro que dará forma à tríade. Nesse instante, o investimento no bebê que está por vir gera, em menor ou maior grau, conflitos e desajustes na qualidade da relação amorosa dos cônjuges que precisam se adaptar às novas mudanças e demandas. Esse é um posicionamento defendido por diversas abordagens, entre elas a psicanálise, o que acompanha a maior parte da literatura recuperada (Bornholdt, Wagner e Staudt, 2007; Hernandez e Hutz, 2008; Magagnin et al., 2003; Menezes e Lopes, 2007; Zornig, 2010). Seguindo essa linha argumentativa, sentimentos ambivalentes podem emergir durante o período transitório para a parentalidade na construção da identidade parental que, então, redefiniria a relação conjugal. Dessa forma, o processo de transição seria iniciado nas relações objetais de cada um dos pais e retificado durante as trocas com o novo membro, em uma perspectiva psicanalítica (Magagnin et al. 2003; Menezes e Lopes, 2007).

Tecendo reflexões sobre os efeitos da transição para a parentalidade em relacionamentos comparando pais e o grupo-controle não pais (Bigras e Paquette, 2000; Doss et al., 2009), confirmando o pressuposto de que o nascimento do primogênito estaria intimamente relacionado com a “deterioração” da qualidade dos relacionamentos, Doss et al. (2009) levantam a suspeita sobre a generalização e a superestimação do impacto dessa transição, enfatizando a necessidade de se investigar o período pré-natal e pós-natal (Menezes e Lopes, 2007), a comunicação observada e

autorreferida, bem como variáveis inter-relacionadas: vulnerabilidade duradoura, eventos estressores e processos adaptativos. Os resultados destacaram mudanças consistentes na relação do grupo de pais, contando com aumentos repentinos na comunicação negativa (no casal), desconfiança, intensidade e gestão pobre de conflitos (nas mães) – indicando serem mais sensíveis ao impacto –, e queda na dedicação (nos pais).

Outro estudo (Menezes e Lopes, 2007) examinou a avaliação que cada casal faz de sua relação e a interação comunicacional que estabelecem durante o evento de transição, pressupondo esta como uma das mais impactantes mudanças que o sistema familiar enfrenta com a chegada do primogênito (Watson et al., 1995). Para tanto, há declínio na satisfação conjugal? Como renegociar padrões de interação, criar espaço para o filho e para os papéis parentais? Há evidências quanto ao relacionamento pré-natal? (Menezes e Lopes, 2007; Doss et al., 2009). Para a psicanálise, os investimentos nas fases anteriores ao nascimento seriam fundamentais para a experiência não apenas da parentalidade, mas também para a configuração da conjugalidade (Magalhães e Féres-Carneiro, 2011; Zornig, 2012), de modo que ter clareza acerca das identificações e do passado de cada família de origem poderia assinalar a possibilidade de maior compreensão sobre a dinâmica familiar nesse momento de transição.

Um dos estudos constatou a importância da natureza e qualidade da relação estabelecida anteriormente à transição para a parentalidade, concluindo que não é esta, em si, que gera crise no sistema familiar e conjugal, mas a história única de cada casal, o que se alinha à noção de conjugalidade ou de identidade conjugal trabalhada na presente revisão (Menezes e Lopes, 2007). Corroborando a ideia de Doss et al. (2009) sobre a não generalização dos casos, notou-se que dois dos quatro casais concordavam com o declínio na satisfação conjugal, potencializando o distanciamento, enquanto os outros dois evidenciavam equilíbrio no desenvolvimento de papéis na tentativa de preservar a conjugalidade.

O mesmo aspecto que chama atenção para a variabilidade nas reações individuais (Menezes e Lopes, 2007; Hernandez e Hutz, 2008; Doss et al., 2009) é encontrado no estudo de Magagnin et al. (2003), que explorou os primeiros quatro meses de gravidez de 41 casais primíparas sobre os efeitos da transição para a parentalidade. O fato desses casais demonstrarem consenso com as novas responsabilidades e buscarem envolvimento emocional na organização do núcleo familiar, mesmo perante desajustes previsíveis do período em questão, frisa a necessidade de se desenvolver recursos para lidar

com as crises e produzir melhor qualidade de vida e ajustamento na relação (Magagnin et al., 2003). O apoio psicológico nesse período pode ser importante para aumentar a comunicação entre os parceiros e permitir melhor negociação dos aspectos envolvidos com o nascimento do primeiro filho, como a divisão de tarefas e dos cuidados.

Hernandez e Hutz (2008) investigaram mulheres primigestas, considerando a questão de estereótipos de gênero, flexibilidade de papéis e sintomas decorrentes. Identificou-se no grupo de papéis sexuais andróginos (não tipificados) escores mais elevados em ajustamento conjugal, indicando essas mulheres como mais satisfeitas com o apoio social recebido muito pelo fato associado à autoestima e às características adaptativas, flexíveis e hábeis diante de situações estressantes, como a gravidez, considerada um período de mudanças biológicas, psicológicas e sociais (Coldebella, 2006; Hernandez e Hutz, 2008). Como destacado por esses autores, os esquemas de gênero estariam relacionados aos padrões socioculturais de comportamentos esperados para cada um dos sexos. Essa consideração, no entanto, vem sendo criticada por teóricos e teóricas do gênero justamente por normatizar e tipificar comportamentos, não permitindo uma leitura mais flexível acerca da categoria gênero.

Questionando a existência ou não de ritual de casamento e sua relação com o planejamento do primeiro filho, o estudo de Lopes et al. (2006) discutiu sobre o possível ajuste aos novos papéis adquiridos. Ao entrevistarem 47 casais, as autoras observaram que 68% dos casais mencionaram ter realizado o ritual de passagem para o casamento; e 60% haviam planejado a gravidez. Os resultados apoiaram a expectativa inicial, indicando que um ritual de casamento pode incitar os membros à mudança de status quanto aos estágios do ciclo familiar e fortalecer os laços emocionais do casal para um comprometimento comum (Magagnin et al., 2003; Lopes et al., 2006). Doss et al. (2009), nesse aspecto, investigaram somente casais que passaram por vários tipos educação pré-marital. Entretanto, não conseguiram diferenciar casais que planejaram a gravidez, encontrando o impacto na satisfação conjugal associado ao momento do nascimento em relação ao casamento.

Ser pai: dicotomia entre os papéis de gênero?

Concernente ao fato de que a literatura é contundente em relação à importância da diade mãe-bebê, estudos vêm abarcando a perspectiva paterna sobre o exercício, a experiência e a prática da parentalidade (Borsa e Nunes, 2011; Bornholdt, Wagner e Staudt, 2007; Jager e Botolli, 2011). O (re)conhecimento das percepções

e sentimentos que cercam os homens durante esse processo de intensas mudanças é inestimável para possíveis intervenções que contribuam na qualidade da dinâmica não só conjugal, mas também no desenvolvimento saudável dos filhos (Jager e Botolli, 2011). Esse resgate do pai na dinâmica familiar ocorre intimamente influenciado pela psicanálise, que reservou-lhe o papel de apoiador, de encarnação da ordem e da lei que a mãe introduz na vida do filho, como postulado por Winnicott (Roudinesco, 2003).

Considerando o clássico papel de espectador na gestação e, muitas vezes, no período pós-natal, o homem-pai atravessa situações conflitantes e momentos de intensa ambivalência quanto aos seus sentimentos – de ternura à frustração e ciúmes – em relação à mulher e sua gravidez (Jager e Botolli, 2011; Magagnin et al., 2003; Zornig, 2010). A novidade de tornar-se pai e perceber-se como tal – evento ligado à representação individual (de si e de seus pais) e social (expectativas) – acarreta mudanças psicológicas e sociais na relação conjugal, assim como o redimensionamento de crenças, valores e responsabilidades (Jager e Botolli, 2011).

Diante de um terreno desconhecido, os homens desejam deixar o papel de coadjuvante, pelo menos em parte, e participar de forma ativa dos cuidados e desenvolvimento dos filhos (Bornholdt, Wagner e Staudt, 2007), visto que para Zornig (2010) o pai é peça fundamental no reconhecimento do bebê real (objeto externo) pela mãe. Dessa forma, Jager e Botolli (2011) destacam a mãe como catalisadora desse processo, permitindo a entrada do pai nas tarefas não mais como uma figura de autoridade ou de manutenção da lei e da ordem, como apregoa a psicanálise (Roudinesco, 2003), mas como um parceiro social que reflete justamente as mudanças observadas na família pós-moderna.

A chegada do novo membro ao subsistema familiar

A transição para a parentalidade possui grande repercussão nas relações conjugais e familiares, no entanto, deve-se destacar também a passagem para o próximo estágio em que se inaugura o subsistema familiar fraterno (poliádico) contemplado pela chegada de mais um membro. Nesse sentido, estudos norteiam a temática do nascimento do segundo filho (Piccinini et al., 2007; Pereira e Piccinini, 2007) e das relações fraternas (Cúneo et al., 2007).

Piccinini et al. (2007), ao que se refere à nova demanda de adaptação e reorganização do núcleo familiar, confirmam a premissa de mudanças na relação do casal, em sua maioria com efeitos negativos – ansiedade e instabilidade –, uma maior presença da família extensa, alterações no comportamento do

primogênito e busca pelo equilíbrio na distribuição de atenção entre os filhos (Pereira e Piccinini, 2007). Especificamente, nota-se maior aproximação do pai com o primogênito – aumento da contribuição relativa –, enquanto a mãe se dedica aos cuidados do recém-nascido, confirmando os papéis parentais em detrimento dos papéis conjugais no período. Por fim, Pereira e Piccinini (2007) enfatizam a rede de apoio social como recurso para a transição familiar e assistência às mães, o que é corroborado em outros estudos (Dessen e Braz, 2000; Rapoport e Piccinini, 2006), e a complementaridade entre os genitores, persistindo a ideia de que o período gestacional seria o momento ideal para aproximação do casal e para adaptação à nova estrutura familiar.

Com respeito ao relacionamento fraterno, Cúneo et al. (2007) retratam o contexto adotivo ressaltando ser fundamental que os pais criem um espaço adequado no seio familiar para reconhecer as singularidades de cada filho, respeitando as diferenças e suas origens biológicas, seja na configuração de famílias com filhos biológicos e adotivos, seja na adoção de irmãos, não importando a ordem da parentalidade. Para tanto, incentiva-se a colaboração de equipes interdisciplinares nessa construção de vínculos entre pais e filhos adotivos, a fim de garantir um ambiente seguro e saudável (Böttger, 2007; Cúneo et al., 2007; Otuka, Scorsolini-Comin e Santos, 2012).

Prevalece a ideia de que os laços fraternos são construídos na disposição dos envolvidos, na qualidade da convivência e definidos pela partilha do mesmo laço de filiação. Além disso, a relação é permeada por sentimentos ambivalentes, bem como é fonte de identificação e aprendizado (Benghozi e Féres-Carneiro, 2001; Goldsmid e Féres-Carneiro, 2007; Weber, 2010). Pode-se concluir que poucos são os estudos que investigam as relações entre irmãos no contexto da parentalidade, tanto adotiva quanto biológica. Essa lacuna de produção pode ser um mote para discussão em diferentes estudos empíricos, como proposto por Dellazzana e Freitas (2012), que investigaram o cuidado entre irmãos.

(Co)construindo o exercício parental biológico e/ou adotivo

Considerando a discussão de se, em tempos contemporâneos, a pós-modernidade produzira uma disjunção entre conjugalidade e parentalidade no que tange ao objetivo de constituir uma família (Roudinesco, 2003; Zornig, 2012) ou se há uma interdependência, Zornig (2010) refletiu sobre o processo de construção da parentalidade sob o viés psicanalítico e a concepção de que tornar-se pai e mãe dependeria da história

individual dos envolvidos, resgatando seus passados e suas identificações, bem como incidindo sobre a construção da conjugalidade. A questão central é a não atribuição ao simples nascimento de um filho, mas a reatualização de fantasias da própria infância, quer dizer, a transmissão consciente e inconsciente de representações parentais, a partir da história infantil e do narcisismo dos pais, que facilitaríamos ou dificultaríamos os vínculos afetivos entre o bebê e seus cuidadores, o que poderia se estender para a vida adulta.

Amparados na psicanálise winnicottiana, destaca-se a necessidade de um ambiente suficientemente bom, fundamental para o mundo intrapsíquico da criança, considerando tanto o ambiente biológico quanto o adotivo no acolhimento desta, fomentando seu amadurecimento (Otuka, Scorsolini-Comin e Santos, 2012; Winnicott, 1952/1993). Nesse sentido, Zanetti e Gomes (2011) ressaltam a importância de funções e estilos parentais adequados, de forma a reconhecer os limites e potencialidades da criança e “dosar” projeções narcísicas. Entende-se, portanto, o processo de coconstrução do exercício parental, que incluiria o filho no imaginário parental dos pais e possibilitaria a subjetivação durante as trocas afetivas com seus cuidadores (Zornig, 2010).

A fim de compreender o processo de construção da parentalidade em um casal adotivo e a partir de uma avaliação de recursos psicológicos dos pais e da criança adotada, o estudo de Santos, Raspantini, Silva e Escrivão (2003) investigou o campo da preparação das figuras parentais no estabelecimento de vínculos com dois novos membros na dinâmica familiar, incluindo a elaboração do luto de não concepção. Partindo da premissa de que os pais adotivos possam oferecer uma base segura (Santos et al., 2003; Levinzon, 2004; Lipp, Mello e Ribeiro, 2011) para o desenvolvimento das potencialidades da criança, bem como a reconstrução de sua identidade, os resultados indicaram que os pais e as crianças apresentaram uma boa internalização das figuras estruturantes, revelando que as relações familiares aparecem estruturadas. Entretanto, notou-se também certo distanciamento emocional entre as crianças (Santos et al., 2003).

Endossando a questão da subjetividade imersa no contexto adotivo, é comum observarmos pais adotivos criarem fantasias sobre a revelação da filiação, de que seus filhos, sabendo da verdade, podem um dia abandoná-los, assim como podem também carregar uma bagagem genética que não corresponda às suas expectativas (Costa e Campos, 2003; Huber e Siqueira, 2010; Lipp, Mello e Ribeiro, 2011; Maux e Dutra, 2010). Schettini, Amazonas e Dias (2006) trazem à baila as especificidades da família adotiva frente à

ideia arraigada de supremacia dos laços consanguíneos (Böttger, 2007; Weber, 2010), observada também nos estudos de Huber e Siqueira (2010).

Embora a maior demanda ainda seja de casais com problemas de infertilidade (Weber, 2010; Maux e Dutra, 2010), existem novos casos vigentes na busca pela constituição familiar, e a adoção, na contemporaneidade, impera visando, sobretudo, aos interesses da criança, que chega a um lar com um diferencial: uma história pré-adoativa que deve ser acolhida e trabalhada no processo de adoção (Schettini, Amazonas e Dias, 2006).

Sobre a perspectiva dos casais habilitados para adoção em fila de espera, Huber e Siqueira (2010) investigaram quatro casais a partir do modelo bioecológico de desenvolvimento, concordando com Schettini, Amazonas e Dias (2006) quanto à gravidez emocional. O período em questão é considerado uma fase de transição para a parentalidade, desencadeando sentimentos ambivalentes e ansiogênicos (Huber e Siqueira, 2010) que recuperam a consideração de que o exercício da parentalidade tem início muito antes do nascimento ou da chegada do filho ao lar. Os participantes do estudo de Huber e Siqueira (2010) ressaltaram a importância de receberem apoio antes e após a adoção, destacando os grupos de apoio como opção por criarem um espaço de intercâmbio de experiências, expectativas e dúvidas, corroborando os apontamentos de Scorsolini-Comin, Amato e Santos (2006). Já Lipp, Mello e Ribeiro (2011) frisam também o apoio logo nos primeiros momentos da adoção, favorecendo a compreensão das vicissitudes do processo.

Lipp, Mello e Ribeiro (2011) trazem a importância do Outro na inclusão da criança na filiação simbólica, visto que, em estudo de caso de uma criança adotiva, descrevem como esta ocupa um lugar de fracasso, calando a dor do luto, no discurso dos pais, desencadeando sintomas pelo “não saber” de sua origem. Essa abertura da escuta, portanto, auxiliaria na constituição de uma identidade parental que contribuirá para a formação da identidade da criança, bem como para o esclarecimento do lugar que ela ocupará no psiquismo dos pais (Schettini, Amazonas e Dias, 2006; Zornig, 2010).

Em outro estudo, comparando mães adotivas e biológicas por meio das Habilidades Sociais Educativas (HSE), Howat-Rodrigues, Tokumaru e Amorim (2009) constataram que todas as mães relataram insegurança quanto às atitudes na educação da criança. Entretanto, mães adotivas obtiveram maior escore na categoria “insegurança diante do filho” e menor desempenho na categoria de “impor limites”. Esses achados podem

ser explicados pelo receio dos pais adotivos em tomar medidas exigentes com os filhos sendo, portanto, mais responsivos e tolerantes (Reppold, 2001; Howat-Rodrigues, Tokumaru e Amorim, 2009). Quanto ao apoio, mães que relataram receber maior apoio do marido e da família extensa apresentaram maior habilidade de diálogo, em responder aos elogios dos filhos e em expressar agrado/desagrado às atitudes destes. A comparação entre arranjos biológicos e adotivos pode ser importante no sentido de apontar as aproximações e os distanciamentos entre os mesmos, mas não são suficientes para que possamos concluir que se tratam de formas de parentalidade totalmente distintas. Quando analisamos estudos de famílias compostas por ambos os arranjos, ou seja, de casais com filhos biológicos e adotivos (Otuka, Scorsolini-Comin e Santos, 2012), as diferenças são suprimidas, dando espaço para um exercício da parentalidade mais relacionado a outros aspectos que não a condição biológica ou adotiva da filiação, mas dos desejos de ser pai e mãe. A compreensão das histórias individuais de pais e mães, bem como da construção da conjugalidade, como apontado nesta revisão, podem ser indicadores importantes para os estudos vindouros.

O que as relações conjugais e parentais podem nos revelar

Tendo como norte o esforço social e legal para garantir a igualdade entre homens e mulheres, Souza, Wagner, Branco e Reichert (2007) priorizaram conhecer a estrutura e a dinâmica do funcionamento de quatro famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar. Em geral, houve uma tendência das mulheres serem responsabilizadas pelo lar, bem-estar familiar e cuidado com os filhos (Braz, Dessen e Silva, 2005; Borsa e Nunes, 2011). Esse achado pode contribuir para a discussão do ser mulher na contemporaneidade em uma perspectiva de gênero que valoriza a diferença entre homens e mulheres, uma diferença cultural e identitária determinada pelo lugar que ocupam na sociedade (Roudinesco, 2003).

Frente aos desafios profissionais somados às atividades domésticas, ao cuidado dos filhos e ao cultivo da relação conjugal, ou seja, do cenário atual que envolve a maior parte das mulheres no mundo ocidental, verificou-se decréscimo de investimento no subsistema conjugal, enquanto a individualização foi preservada na maioria das famílias, afetando a interação do casal até em relação à flexibilização de tarefas (Souza et al., 2007).

Constatando que as famílias possuem especificidades próprias do contexto de vida de suas classes sociais e que os pais desempenham diferentes papéis

em função do contexto cultural em que estão inseridos, Braz, Dessen e Silva (2005) realizaram um estudo com 14 famílias de classes média e baixa. Todos os casais de classe média e a maioria dos de classe baixa acreditam que o marido e a esposa juntos contribuem para a qualidade da relação marital, entretanto, frente a um atrito entre o casal, a maioria reage de forma negativa, preferindo o isolamento ao invés do diálogo. Com respeito às relações maritais e parentais, na opinião da maioria dos entrevistados, os filhos interferem na sua relação conjugal, destacando que as suas relações maritais influenciavam (direta ou indiretamente) o seu relacionamento com seus filhos, o que é corroborado pela literatura da área (Bigras e Paquette, 2000; Braz, Dessen e Silva, 2005; Wagner et al., 2007).

Aprofundando-se na interdependência entre o subsistema conjugal e parental, estudos buscaram compreender o impacto e a repercussão entre ambos, principalmente sobre o desenvolvimento dos filhos (Bigras e Paquette, 2000; Cicco, Paiva e Gomes, 2005; Benetti, 2006; McCoy, Cummings e Davies, 2009). Revisando algumas contribuições teóricas, Benetti (2006) e McCoy, Cummings e Davies (2009) enfatizaram uma compreensão multidimensional do conflito conjugal, com destaque para a necessidade de identificar aspectos que exerçam efeito abusivo no desenvolvimento psicológico infantil.

Os resultados apontaram que o impacto negativo do conflito conjugal refletiam não só na interação do casal como no desenvolvimento da criança e do adolescente nas áreas emocional, cognitiva e social, deixando sequelas duradouras, principalmente quando envolve violência física e verbal entre o casal. É chamada a atenção para a capacidade cognitiva da criança de interpretar os fatos e desenvolver estratégias de enfrentamento. Assim, a exposição associada à frequência, à intensidade e razão do conflito pode ser um fator determinante de estresse e intensa ansiedade. Quanto às resoluções, quando satisfatórias podem gerar amadurecimento e habilidades para resolver seus próprios problemas, caso contrário provocam efeitos adversos (Benetti, 2006; McCoy, Cummings e Davies, 2009), o que corrobora a direta relação entre conjugalidade e parentalidade.

Com a proposta de estudar as ligações entre os processos sociais, a interação familiar e as características individuais de pessoas envolvidas no desenvolvimento da família, estimando o impacto da criança sobre o casal e deste sobre a criança, Bigras e Paquette (2000) adotaram o modelo bioecológico “contexto-processo-pessoa” de Bronfenbrenner. Os autores consideram que além do relacionamento conjugal não-satisfatório repercutir negativamente na criança

– no desenvolvimento emocional e como modelo de comportamento social – por utilizar estratégias inadequadas em conflitos (McCoy, Cummings e Davies, 2009), o inverso, ou seja, de que crianças com temperamento difícil podem afetar os pais também é possível. Esses achados são reforçados por outros estudos (Dessen e Braz, 2000; Menezes e Lopes, 2007; Doss et al., 2009) sobre a importância de se observar o antes e o depois do nascimento da criança, bem como a importância da rede social de apoio.

Para finalizar, Cicco, Paiva e Gomes (2005) abordaram a imaturidade de um casal na constituição de sua conjugalidade, bem como de sua própria família, favorecendo a formação de sintomas nas crianças. Contatou-se que, ao inaugurar um novo status do ciclo familiar, o casal não tomou consciência de seus novos papéis nem realizou uma ruptura com sua família de origem, destacada como atitude ideal por Winnicott (1960/1997) para encarar desafios emergentes. Essa não independência em relação às famílias de origem pode estar relacionada não apenas a problemas conjugais, como também a dificuldades no exercício da parentalidade, que pressupõe que os pais ocupem outro lugar, diferente daquele ocupado na família de origem.

Assim, as relações entre conjugalidade e parentalidade podem nos ajudar a compreender que ambas as noções não apenas fazem parte das famílias pós-modernas, como destaca Roudinesco (2003), mas são conceitos também em transformação e que apontam para caminhos novos e leituras ainda inéditas acerca da família. É importante considerar, por fim, que tanto a conjugalidade quanto a parentalidade são noções relativamente recentes na Psicologia, estando submetidas a constantes revisões em função das transformações sociais e culturais em curso. Essas mudanças podem nos conduzir a outros enfoques no estudo da família e da interação entre seus membros em um futuro próximo, o que deve ser acompanhado pelas pesquisas na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura científica, um dos focos refere-se à adaptação e reorganização da dinâmica familiar para a chegada de um novo membro, que inaugurará um novo subsistema, tanto em famílias biológicas como adotivas. A transição para a parentalidade deve ser investigada com prioridade, sobretudo em relação ao pai, cada vez mais valorizado nos estudos sobre a parentalidade.

Constata-se a repercussão da chegada de um filho na dinâmica familiar, assim como o fato de a

qualidade da relação do casal poder ser identificada nos filhos. Entretanto, há um esforço em enfatizar a não generalização de casos sob a premissa de declínio na satisfação conjugal com a chegada de um filho, visto que se deve conferir atenção à avaliação da qualidade da relação estabelecida antes da transição de papéis, sobre os eventos estressores envolvidos e o apoio social recebido. Quanto ao pressuposto de que em tempos contemporâneos vem ocorrendo a disjunção da parentalidade com a conjugalidade, os estudos corroboram a ideia de que torna-se pai e tornar-se mãe ainda denunciam papéis de gênero arraigados a padrões tradicionais, instalando-se como um desafio para o cultivo da relação conjugal em detrimento ao cuidado com os filhos somado à vida profissional. Ainda que pesem essas conclusões, há que se retomar os apontamentos de Roudinesco (2003) acerca do futuro da família, que a coloca como única instância capaz de assumir os conflitos observados na pós-modernidade e favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica, desde que consiga manter “o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade” (p. 199). Esse equilíbrio é uma das bases das noções de conjugalidade e parentalidade discutidas nesta revisão.

Para além da consideração de que os estudos sobre conjugalidade e parentalidade ou de que as investigações que abordam as parentalidades adotivas e biológicas são escassas, esta revisão permitiu mapear a produção científica a respeito do tema, possibilitando que novas contribuições sejam trazidas à baila futuramente, em uma consideração de família em transformação ou em reinvenção, para utilizar uma expressão trazida por Roudinesco (2003). Considerar outros arranjos familiares não normativos, como os homossexuais e monoparentais, parece ser um dos convites para investigações futuras, uma vez que a não inclusão dessas categorias no presente estudo pode ser compreendida como importante limitador das discussões aqui apresentadas. Assim, não apenas pais e mães estariam na transição de papéis (da conjugalidade à parentalidade), mas as famílias estariam sendo convidadas a refletirem de modo perene sobre os modelos contemporâneos de arranjo familiar, construção da conjugalidade e exercício da parentalidade, movimento este que não se encerra na presente revisão.

REFERÊNCIAS

- Amazonas, M.C.L.A. & Braga, M.G.R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora*, 9(2), 177-191. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982006000200002>>.
- Belsky, J., Spanier, G.B. & Rovine, M. (1983). Stability and change in marriage across the transition to the parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 553-556. <<http://dx.doi.org/10.2307/351661>>.
- Benetti, S.P.C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200012>>.
- Benghozi, P. & Féres-Carneiro, T. (2001). Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casamento e família: Do social à clínica* (pp. 112-118). Rio de Janeiro: Nau.
- Bigras, M. & Paquette, D. (2000). L'interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(2), 91-102. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000200002>>.
- Boas, A.C.V.B.V., Dessen, M.A. & Melchiori, L.E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: Uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 91-102.
- Bornholdt, E.A., Wagner, A. & Staudt, A.C.P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100006>>.
- Borsa, J.C. & Nunes, M.L.T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Böttger, H. (2007). Mitos, prejuícos y discriminación: La supremacía de lo biológico. *Cuadernos de Neuropsicología*, 1(3), 174-371.
- Brasileiro, R. de F., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *Psico* (Porto Alegre), 33(2), 289-310.
- Braz, M.P., Dessen, M.A. & Silva, N.L.P. (2005). Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000200002>>.
- Costa, L.F. & Campos, N.M.V. (2003). A avaliação psicossocial no contexto da adoção: Vivências das famílias adotantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 221-230. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722003000300004>>.
- Cicco, M.F., Paiva, M.L.S.C. & Gomes, I.C. (2005). Família e conjugalidade: O sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. *Psicologia Clínica*, 17(2), 53-63. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652005000200005>>.
- Coldebella, N. (2006). *Expectativas e sentimentos acerca do bebê em gestantes primíparas e secundíparas*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Creswell, J.W. (2010). Revisão da literatura. In J. W. Creswell, *Projeto de pesquisa* (3ª ed., pp. 48-75) (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Cúneo, L.A., Pella, M.E.B., Castiñeira, E., Márquez, A. F., Felbarg, D. & Muchenik, J. (2007). Relaciones fraternas en la adopción. *Archivos Argentinos de Pediatría*, 105(1), 74-76.
- Dellazzana, L.L. & Freitas, L.B.L. (2012). Cuidado entre irmãos: A parentalidade além da mãe e do pai. In C.A. Piccinini, & P. Alvarenga (Orgs.). *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos* (pp. 319-340). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dessen, M.A. & Braz, M.P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000300005>>.

- Dessen, M.A. & Polonia, A.C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 17(36), 21-32. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>>.
- Doss, B.D., Rhoades, G.K., Stanley, S.M. & Markman, H.J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: An eight-year prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 601-619.
- Ferreira, J.M.A. (2008). *Satisfação conjugal e parentalidade biológica e adotiva*. Dissertação de Mestrado (não publicada) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Goldsmid, R. & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-308.
- Hernandez, J.A.E. & Hutz, C.S. (2008). Gravidez do primeiro filho: Papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 133-141. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722008000200002>>.
- Howat-Rodrigues, A.B.C., Tokumaru, R.S. & Amorim, T.N. (2009). Mães adotivas e genéticas: Habilidades, insegurança e apoio percebido. *Psico* (Porto Alegre), 40(2), 202-209.
- Huber, M.Z. & Siqueira, A.C. (2010). Pais por adoção: A adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 200-216.
- Jager, M.E. & Bottoli, C. (2011). Paternidade: Vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 141-153.
- Lawrence, E., Cobb, R.J., Rothman, A.D., Rothman, M.T. & Bradbury, T.N. (2008). Marital satisfaction across the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 22(1), 41-50. <<http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.22.1.41>>.
- Levinzon, G.K. (2004). *Adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipp, L.K., Mello, A.B.G. & Ribeiro, M.M.S.M. (2011). O patinho feio no imaginário parental. *Ágora*, 14(2), 275-291. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000200008>>.
- Lopes, R.C.S., Menezes, C., Santos, G.P. & Piccinini, C.A. (2006). Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 55-61. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000100007>>.
- Magagnin, C., Körbes, J.M., Hernandez, J.A.E., Cafruni, S., Rodrigues, M.T. & Zarpelon, M. (2003). Da conjugalidade à parentalidade: Gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. *Aletheia*, 17/18, 41-52.
- Magalhães, A.S. & Féres-Carneiro, T. (2011). Em busca de uma conjugalidade perdida: Quando a parentalidade prevalece. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: Conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 161-172). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Maux, A.A.B. & Dutra, E. (2010). A adoção no Brasil: Algumas reflexões. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(2), 356-372.
- McCoy, K., Cummings, E.M. & Davies, P.T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 270-279. <<http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x>>.
- Mendes, K.D.S., Silveira, R.C.C.P. & Galvão, C.M. (2008). Revisão integrativa: Método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na Enfermagem. *Texto & Contexto em Enfermagem*, 17(4), 758-764. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>>.
- Menezes, C.C. & Lopes, R.C.S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade:gestação até dezoito meses do bebê. *PsicoUSF*, 12(1), 83-93. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712007000100010>>.
- Otuka, L.K., Scorsolini-Comin, F. & Santos, M.A. (2012). Adoção suficientemente boa: Experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 55-63. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000100007>>.
- _____. (2013). Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: Novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 30(1), 89-99.
- Pereira, C.R.R. & Piccinini, C.A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 385-395. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000300010>>.
- Piccinini, C., Pereira, C., Marin, A., Lopes, R. & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 253-262. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000300003>>.
- Prati, L.E. & Koller, S.H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103-118. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652011000100007>>.
- Rapoport, A. & Piccinini, C.A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(1), 85-96.
- Reppold, C.T. (2001). *Estilo parental percebido e adaptação psicológica de adolescentes adotados*. Dissertação de Mestrado (não publicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Reppold, C.T. & Hutz, C.S. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adotivas. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 25-36. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100004>>.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santos, M.A., Raspantini, R.L., Silva, L.A.M. & Escrivão, M.V. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: O processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *PSIC*, 4(1), 14-21.
- Schettini, S.S.M., Amazonas, M.C.L.A. & Dias, C.M.S.B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200007>>.
- Scorsolini-Comin, F., Amato, L.M. & Santos, M.A. (2006). Grupo de apoio para casais pretendentes à adoção: A espera compartilhada do futuro. *Revista da SPAGESP*, 7(2), 40-50.
- Souza, N.H.S., Wagner, A., Branco, B.M. & Reichert, C.B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: Estudo de casos. *Aletheia*, 26, 109-121.
- Watson, W.J., Watson, L., Wetzell, W., Bader, E. & Talbot, Y. (1995). Transition to parenthood. What about fathers? *Canadian Family Physicians*, 41, 907-912.
- Weber, L.N.D. (2010). *Pais e filhos por adoção no Brasil: Características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L.N.D., Stasiak, G.R. & Brandenburg, O.J. (2003). Percepção da interação familiar e autoestima de adolescentes. *Aletheia*, 17/18, 95-105.
- Winnicott, D.W. (1993). Psicose e cuidados maternos. In D.W. Winnicott, *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (pp. 491-498). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1952).
- Winnicott, D. (1960). Família e maturidade emocional. In D.W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1997).

- Zanetti, S.A.S. & Gomes, I.C. (2011). A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: Determinantes e consequências. *Temas em Psicologia, 19*(2), 491-502.
- Zornig, S.M.A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico, 42*(2), 453-470.
- _____. (2012). Construção da parentalidade: Da infância dos pais ao nascimento dos filhos. In C.A. Piccinini, & P. Alvarenga (Orgs.), *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos* (pp. 17-34). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Agradecimentos ao CNPq pela concessão de bolsa de iniciação científica à primeira autora.

Recebido em: 14.06.2012. Aceito em: 12.09.2012.

Autores:

Mariana Silva Cecílio – Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Bolsista do CNPq. Pesquisadora do PROSA-CNPq (Laboratório de Investigações sobre Práticas Dialógicas e Relacionamentos Interpessoais).

Fabio Scorsolini-Comin – Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Doutor em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Líder do PROSA-CNPq (Laboratório de Investigações sobre Práticas Dialógicas e Relacionamentos Interpessoais).

Enviar correspondência para:

Fabio Scorsolini-Comin
Departamento de Psicologia – Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Av. Getúlio Guaritá, 159 – Abadia
CEP 38025-440, Uberaba, MG, Brasil.
E-mail: scorsolini_usp@yahoo.com.br